

# A MOCIDADE.

PERIODICO LITTERARIO.

A mocidade é a esperança da patria.

(MACHADO D'ASSIS.)

ANNO I.

SEXTA-FEIRA 31 DE JANEIRO DE 1862.

N. 2.

## A Estatua de D. Pedro I.

### I.

O imperio brazileiro vai possuir um desses emblemas que perpetuam os maiores acontecimentos. A terra de Santa Cruz, trezentos annos depois do seu casual descobrimento, conseguiu desmembrar-se da metropoli. Era justo e nobre que tão gigantesco facto não se circunscrevesse à descripção historica.

Levar-se a effeito tão digno fim, foi idealizado em 1823, um anno apoz o grito desprendido nas margens do Ypiranga. Circunstancias inda não justificadas, tolheram o prosseguimento de tão patriótico mister, sendo depositada no Thesouro Nacional a somma arrecadada.

Em 1854, a Illma. Camara Municipal cuidou sériamente de tão grata materia. Além da quantia depositada, unidos os competentes juros, contou a municipalidade com a coadjuvação publica que não lhe foi negada.

A comissão escolhida pela Camara para, sob suas vistas, encarregar-se dessa honrosa tarefa, encetou e prosseguiu em seus trabalhos, e, oito annos depois da deliberação municipal, chegava do Havre o estatuario Rouchet, conduzindo o monumento bronzeo que deve atestar aos vindouros a maior conquista nacional!

### II.

A capital do imperio foi designada para, em uma das suas minguadas praças, receber o monumento construído em honra ao glorioso sucesso do Ypiranga.

Sem acomodar a satisfactoriamente para receber um tão distinto hospede, sem se ter cuidado devidamente no seu necessa-

rio embellezamento, effectuou-se no dia 1º de Janeiro a festa do basamento da estatua, sendo nessa occasião sepultada a caixinha que deve guardar cautelosamente o autographo da Constituição, os jornaes do dia, moedas de cobre, prata e ouro, e *tutti quanti* foi lembrado pelo confeccionador do respectivo programma.

Concluido o ceremonial, foi permitido, ás pessoas decentemente vestidas, a contemplação do colosso encerrado na casa de madeira, coberta de lona, que se divisa na Praça da Constituição; e, como não julgaram indecente o nosso simples trajar, franqueou-se-nos a entrada nessa officina artistica.

Quanto à materia prima e ao trabalho artístico, nos considerando leigos, lançámos a vista tão sómente para os distintivos que devem no porvir tornar mais facil o conhecimento do vulto magestático que mostra reprezar a descommida carreira do seu fogo ginete.

Que decepção soffremos ao divisarmos a infidelidade da tradição historica! Que subida mágoa infiltrou-se-nos no peito quando contemplámos tão inesperado sucesso!

A estatua equestre do primeiro imperante, representa-o no acto em que soliou o brado heroico:—Independencia ou morte! —no sempre recordativo dia 7 de Setembro de 1822. Ninguem deve ignorar que até essa dacta o heróe dos dous mundos ocupou o cargo de lugar-tenente de seu pai que pouco antes se retirara á alriga capital do reino unido de Portugal, Brasil e Algarves, e que por tanto não podia na segunda viagem feita á heroica e briosa província de S. Paulo ir revestido das insignias honorificas que só mais tarde possuiu.

Repugna igualmente á consciencia o far-

damento de que se acha o principe revestido. Para uma viagem emprehendida com o intuito de serenar indisposições insignificantes, não é por certo admissível a ida do illustre viajante adornado das vestes magestáticas de que tambem ainda não era senhor e por tanto não podia dellas servir-se.

E as iniciaes—P. II.—que facilmente se percebem gravadas na manta do cavallo que corduzia o então principe regente ? ! Causa assombro que tamanha prevenção houvesse n'uma momentanea jornada ; prevenção em demasia reparavel, pois que ate nos pertences ao animal, se teve em mente demonstrar que o caminheiro illustre, principe regente do reino unido, não era senhor desse titulo, mas sim do de chefe da nação brazileira que ainda não existia ! !

Porém, todas essas provas de incoherencia historica, ou de desprezo aos factos havidos ha quarenta annos, não podem ser equiparados à mais visivel e conhecida falta de verdade que no monumento se depara ! Collocar-se na dextra do principe, quando o brado—Independencia—desprendeu-se-lhe dos labios, a carta constitucional do Brazil promulgada em 25 de Março de 1825, facto aquelle consumado quasi tres annos antes da existencia do paelo fundamental da nação brazileira, é na verdade a maior das incongruencias e não sabemos como se lembrou, e hoje se acha realizada, uma tão *feliz e consentanea* collocação ! !

### III.

Se a independencia fosse effectuada ha seculos, senão existissem tantos espectadores das scenas immortaes realizadas anterior e posteriormente à nossa emancipação politica, ainda assim não podiam ser perdoados semelhantes erros ; mas quando a historia registra em seus fastos a verdade dos acontecimentos, quando se não pôde provar que em 7 de Setembro de 1822, existisse o imperio americano e bem assim a carta constitucional da nação, essas faltas significam o maior dos attentados contra a lealdade dos factos consummados e que se não ignoram !

Dir-se-ha que alguma cousa era preciso figurar na mão do principe. Concordamos plenamente nisso, mas, sem sermos notabilidades na politica, litteratura ou sciencias patrias, aconselharia-mos que essa falta fosse

suprida pelo chapéo que se collocou, menos regularmente talvez, na cabeça do finado monarcha. Depois dos inaceitaveis decretos que acabara de lêr quando soltou o brado que nos tornou livres, é historico que o principe lançou á terra os papeis provindos do governo lusitano ; da indignação de que se possuira pela leitura das governamentaes communicações, resultou o nosso libertamento e na occasião descripta facilmente se crê que o entusiasmo, oriundo de um tal facto, faria com que se descobrisse e com o chapéo acenasse.

Que se dê a essa festividate o cunho, mal cabido talvez, de festa magestatica, que a estatua seja nacional no nome e estrangeira em tudo mais, que a praça em que ha de ser erigida ainda se conserve menos propria e menos digna de recebel-a, que a base de granito fique tortuosa e izembla das regras necessarias (na opinião dos entendidos), tudo, tudo isso poderíamos tolerar ; mas, sacrificarem-se as prescripções historicas, conculcarem-se os factos de que restam não poucos assistentes, gravarem-se n'um monumento colossal circumstancias em completo desacordo ao sim patriotico para o qual concorremos na certeza de representar elle com a maior fidelidade a nossa primeira e mais excelsa gloria, magoou-nos excessivamente obrigando-nos a protestar em tempo contra as palpaveis infidelidades que ficam descriptas e que devem sofrivelmente marcar o merecimento da memoria pelo povo erguida em honra do successo que mais o ensobrerce !

Existe um dilema a elucidar. Ou a estatua representa o acto da independencia, ou não. No primeiro, o que expuzemos não pôde ser contestado. No segundo, o pensamento e o sim dos contribuintes e da nação, foram redondamente desprezados.

*Feitalo.*

### Flor sem perfume.

(ORIGINAL.)

#### I.

(Continuado do n.º 1)

Alfredo, ao ver aquelle porte impérioso,

ao ouvir aquellas palavras ditas com tal severidade, levantou-se desorientado e saiu, depois de lhe ter lançado um olhar de ternura.

Então Margarida, severa para si mesmo, accusou-se com vehemencia do sentimento de exprobração que mostrara. Devia mandar sahir aquele moço (se com efeito devia), mas com prudencia.

Ella, porém, mostrara-se severa áquelle ponto, porque tinha medo do mundo; a sua reputação estava em perigo por causa das invejosas vizinhas, e cumpria salva-la a todo o custo.

Margarida era sensivel; mas capaz de um sacrificio, se este fosse preciso, para descer á sepultura com o diadema da virgindade.

## II.

Um anno se passou e Margarida não mais viu Alfredo. Quando a hora em que ella o costumava ver soava, estremecia, mão grado seu. Margarida prepara-se para ir a um baile do carnaval. Uma vez que a sombria e melancolica nuvem não se queria desvanecer, ella ia suplicar distração áquelle divertimento pestifero. Margarida entrou no baile, mostrando uma formosura deslumbrante. O ruge-ruge das sedas e os mil échos das fallas disfarçadas que se tornavam n'um murmúrio longo, aborreciam-a; mas ella não tinha ido para se conservar silenciosa, e, pois, entranhou-se pelo meio daquelles grupos, respondendo ás mil perguntas com que a atormentavam, ou ella mesmo atormentando os outros, instando-os a que respondessem de prompto se a conheciam. Um dominó azul celeste sentado a um canto da sala fixava seus olhares prescrutadores sobre Margarida, e suspirava ancioso ao ver aquella alegria febril que mostrava apparentemente. Margarida tantas vezes olhou o dominó, e tantas vezes o viu fitando-a, que, vago ou fundado, ella estremeceu de terror.

Bateu meia-noite e ouviu-se um grito unisono pelo meio da sala:

— A' ceia!

E outro não menos alegre, respondeu textualmente:

— A' ceia!

Houve então uma coincidencia que mais aterrou Margarida. Todos saciados pelo ephemero prazer da dansa voluptuosa, lancaram-se soffregos á mesa, os prudentes tirando as mascaras e os *extravagantes* r sgando-as; só o dominó azul, no meio daquellas scenas de prazer delirante, conservava-se pensativo e sem tirar a mascara! Uma nuvem de estranha loucura perpassou pela mente de Margarida. Ella levantou-se fóra de si, e levada por firme presentimento, correu ao dominó arrebatando-lhe do rosto a mascara. Subito deu um grito agudo e cahiu como fulminada de um raio.

No dominó azul tinha reconhecido Alfredo!

(Continua.)

## Scenas contemporaneas.

(ESBOCETOS.)

### I.

§

Era uma noite de festim e de alegria imensa.

Retumbavam gritos de todos os lados, abafavam-se soffrimentos nas voluptosidades da dança!

E no escuro, occultos, faziam-se mutuos protestos d'amor...

Uma virgem ouvia as palavras de um demônio.

A corôa brilhante da virgindade ia ser polluida no lodo da deshonra.

— Que receias? Dúvidas de meu juramento? Não sentes o pulsar apressado deste coração martyrisado pela tua indifferença? Oh! és cruel! Não sentes a febre deste amor que me dilacera? Vem! Fujamos! Eu quero viver para te amar! Serás a virgem dos sonhos ardentes de minha alma! Adorar-te-hei como a uma santa! Serás minha e eu serei teu! Vem!

— Oh! o meu coração é muito fraco; calla-te... calla-te...

— Não! Posso eu acaso abafar a voz do amor febril que sinto?

— Julio! Julio! Oh! que me perdes!

— Não vês estas lagrimas de fogo escalarem-me o rosto?

— Deixa-me, deixa-me...

— Não, não posso; tu és a minha sombra e eu não posso viver sem ti!

— Pois bem, vou!...

E o mancebo, soffregó, collou seus labios, crestados pelo callor das orgias, na nivea mão da donzella!

Era um osculo de Judas...

§

E os dous fugitivos atravessaram montes e valles sem descansar um só momento.

E o homem triumphou da donzella. Cavaou-lhe a seus pés um abysmo terrivel, e ella o acreditava ainda. Seduzida pela infernal voz daquelle sceptico, entregára-se sem receio a elle. Dous mezes se passaram, e o seductor cançado da vida placida, aborrecido d'um só goso, esqueceu os mais santos juramentos.

E a pobre moça viu ante si a vergonha, o escarneo, e o abysmo! Rojou-se a seus pés, supplicou-lhe com lagrimas de sangue que reparasse aquelle crime; e o seductor, infame, sorriu de escarneo. Calcou aos pés a grinalda da virgem, e fugiu, deixando-a sem abrigo, para ir saciar novos desejos no lupanar da devassidão! A jovem seduzida procurou entrar no gremio da sociedade, e a sociedade fechou-lhe as portas. Pediu uma esmolla, e offereceram-lhe ouro. Acceitou! Deram-lhe sedas, ouro, brilhantes, em troca de seu corpo.

E a mulher perdida, escarnecia da fraqueza dos homens.

E o seductor infame, fruia prazeres materiaes no seio das orgias.

Pouco tempo depois, que restava?

Um hospital... e um tumulo!

Era mais uma pagina de sangue, escripta no livro negro da sociedade!

1862.

ALMEIDA.  
(Continua.)

## POESIAS.

Sou triste!

Eu vivo triste neste mundo torpe  
Chorando só:

Os elementos que eu idolatrava  
Ei-los no pó!

A mão da sorte n'um fatal desfecho,

Tocou em mim!

E agora eu vejo, no futuro negro,

Chorar sem fim!

Nem mais a lyra desmaiada já,

Modula um canto;

Nem mais a sorte me fará sorrir...

Só tenho pranto!

Dezembro de 1861.

*Viriato.*

## Ambas.

(IMITAÇÃO.)

Estatuas gemelas, tão irmãs no riso,

No olhar, em tudo!

Estrelas vivas mas d'um brilho triste

Sereno e mudo.

*T. de Mello.*

Um quadro negro de miseria horrenda

Eu contemplei,

Duas creanças mendigando, pobres,

Na rua achei.

Ambas soffrendo privações infindas

Acerbas dôres,

Sentindo ambas deste mundo torpe

Crueis rigores.

Dormiam ambas sobre a mesma pedra

O mesmo sonno,

Jaziam ambas, tão creanças inda,

No abandono.

Ambas soffrendo dessa mesma vida,

Iguas torturas,

Ambas sentindo do cruel destino,

As amarguras.

Ambas trocaram da infancia os rizos,

Por tanta dôr!

Sem ter no mundo no florir da idade

Materno amor!

Quando de noite, tiritavam ambas,

No frio inverno.

Ambas oravam com fervor tão puro,

Ao Deus eterno!

E o mundo ria das crianças bellas,  
Que mendigavam,  
E ellas tristes pela terra ingrata  
Perigrinavam.

E um homem houve que ao vél-as ambas  
Abriu-lhe o peito,  
E disse : Vinde ! que o chorar amargo,  
Está desfeito !

Depois trilharam pela estrada bella,  
Da sá virtude,  
Sempre tão puras, do virgineo berço,  
Ao ataúde !

1861.

*José Maria de Almeida.***Se souberas...**

A—M...

..... se tu souberas  
A dor do coração de teu amante !  
A. de Azevedo.

Mulher, se tu souberas o tormento  
Que vai no peito meu,  
Se souberas o amor que violento,  
No peito me nasceu,

Se poderas julgar a chamma ardente,  
Que, anjo, por ti, sinto  
O amor, a paixão tão vehemente  
E crér que te não minto...

Oh ! de certo, mulher, não me lançáras  
De gelo o teu olhar ;  
Se souberas, por certo tu me amáras  
Como eu te sei amar !

1861.

A...

**Scena de um passeio.**

A vida commercial tem monotonia. Se uma ou outra distracção não a embelleza, morre o caixeiro myrrhado ! Vou narrar uma scena interessante que apreciei n'um domingo.

O passeio não foi grande, e, até me admira como tive a felicidade de achar assunto, n'um desses passeios tão communs.

Depois de jantar sahi, tomei a minha

chavena de café no *boulevard Carceller*, e dirigi-me machinalmente à ponte das barcas.

Estava a tarde bonita, e a pitoresca vista da formosa bahia e seus arredores *aquecera* o desejo de ir até Botafogo. Embarquei, e acendi um cigarro. Na posição agradável em que estava, gozei *il dolce far niente* que há muito não provava. De repente notei n'uma *donzella* cheia de *coquetterie* que lançava de vez emquando olhos amorosos para um desses mancebos *apurados* que a *Semana Illustrada* embirrou em chamar *leões*. Um *sexagenario faceiro*, cheio talvez de *fogo amoroso* no *juvenil coração*, engolfado na contemplação das mimosas formas da *Sylphide*, ousou dirigir lhe uma *confissão formal*, proferida com o maior *callor poetico*.

A *donzella* que professava o *absolutismo*, sem intervenção de *ministro*, decretou-lhe incontinenti uma tremenda bofetada, que principiando no famoso nariz do *amante*, terminou no *luzidio chinó*, fazendo-o voar pelos ares e concluir seu *giro* nas águas do mar. O velho, *desapontado* por tão *positiva prova de amor*, debruçou-se para ver se apanhava a *estimada* cabelleira, mas só a pôde ver, já uns vinte passos distante, fluctuando na superfície das ondas e servindo a banha della, para *espelho* aos raios do sol. A *donzella*, triumphante por esta prova de *intrepidez*, virou-se para mim.

— Não acha que fiz bem ? — perguntou ella.

A resposta era difícil de dar. Se approvasse, tinha o odio do velho ; e se reprovasse, tinha o seguramente um inimigo na *donzella* por que, isto de contradiser mulheres, é atirar-lhe uma luva, que elles logo aceitam. Portanto respondi :

— Queira perdoar, minha senhora, eu estava distraído e nada vi.

Em quanto eu respondia, o velho dictava um responso funebre, arguindo-se de ter tirado o chapéu para fazer a *amorosa confissão* ; e cobrindo a *luzidia* calva, foi postar-se longe, mas sempre contemplando em extasis a *nymph* que *tanto amor* lhe mostrara. Os velhos são assim. As mulheres insultam-os, chasqueiam-os, e elles julgam que elles lhes fallam dessa forma, por mor-

rerem por elles, e querem occultar o amor que lhes tributam.

Estes velhos !...

Não pensem os leitores que eu descrevi a *Scena de um passeio* para fazer arguições aos velhos. O caso é verídico, e ju'go que nada mais ingenuo que metter-se, embora a *gancho*, uma consideração do autor.

Nada mais aconteceu de notável. Voltei, e só me lembro que na segunda feira eu ainda me ria do caso, seguido de algumas visitas do sonno especial que ataca às segundas-feiras. Boa noite, leitor. Desculpai a maçada do vosso

1862.

*Viriato.*

### Revista da Quinzena.

O promettido é devido. A' promessa feita no passado numero, vamos dar o devido cumprimento.

O mundo contém em si a maior das anomalias. Quando deve chorar, ri, e vice-versa, e nunca ou quasi nunca, chora e ri ao mesmo tempo. A organização humana inda não foi, nem pôde ser devidamente elucidada. Quanto mais se investiga esses arcanos, maiores cahos aparecem.

A humanidade só conta com certeza obter a morte. Mais nada lhe é permittido esperar com visos de certa obtención.

A' lei da morte todos pagam o devido tributo. Nos cemiterios nivelam-se os nobres e os plebeus, os ricos e os pobres, a magestade e o povo ! Todos provieram do pó e a este tornam.

Ha, porém, existencias ceifadas que se tornam dignas de sincera pranteação. Neste caso estão Teixeira e Souza, Manoel d'Almeida e Paula Brito.

Do primeiro nos ficaram romances, tragédias, dous poemas e outras muitas poesias. Intelligent, honrado e dedicado, não teve limitados espinhos na sua perigrinação de meio seculo. Filho de pais pobres, Teixeira e Souza a si deveu a posição em que morreu, legando a sua próle—a honra e a pobreza,—ás patrias letras—não poucas produções de mérito—e à humanidade—a sua vida reflecta de accões dignas de imitação.

Do segundo, dessa intelligencia superior tão cedo perdida, ficaram algumas notaveis

traduccões, umas memorias dos tempos coloniaes, o libretto da opera *Dous amores* (ultima producção sua), e alguns artigos e poesias de valor, impressas em diversos periodicos. Víctima do naufrágio do vapor—*Hermes*, o Dr. Manoel de Almeida, perdeu a vida quando uma nova era lhe estava destinada ! Por todos os motivos foi prematuro o corte dessa existencia.

Do terceiro, desse artista infatigavel, do mas desvelado animador das aspirações nascentes, do decidido coadjuvador de emprehensões nobres e uteis, tivemos por legado os actos da sua vida e o proprio nome que não pôde esvair-se do coração do povo quando este se não torna ingrato. Que o não foi, prova-o de sobejo os factos que se deram apoz o pranteado passamento de Paula Brito.

Exiguo é o nosso tributo aos manes de tão distintos fluminenses. A sinceridade das expressões suprir deve aquella falta.

### S

A exposição nacional acaba de ser encerrada, restando os encargos melindrosos da escolha dos objectos que devem representar o paiz na Exposição Universal de Londres e a designação dos concorrentes que mereçam ser premiados.

O procedimento anterior da commissão directora, e os nomes dos membros dos júris especiaes, são garantias suficientes do cabal desempenho da tarefa de que foram encarregados.

A quem do nosso calculo, ficou o numero dos visitantes aos objectos expostos ; da mesma forma a somma provinda das entradas não gratuitas.

A precipitação com que foi tentada e se realizou tão importante e patriótico fim, a sofrerida havida para se dar no dia 2 de Dezembro de 1861 a solemne abertura dessa festividade ; concorreram poderosamente para não se elevar essa festa á posição que lhe competia. A maior justificação do que fica dito, se percebe nos discursos pronunciados na sessão do encerramento ; e se meditar-mos com algum desvelo em certas anomalias que tiveram lugar, muitos exemplos citaria-mos de productos enviados á exposição como nacionaes *in totum* quando elles cheiram á brasileiros sómente no pon-

to local e de outros que nem esse merito possuem.

Lamentariamos a sensivel falta dos productos naturaes de que soberbamente é abundante o paiz, a falta dos objectos representativos das provincias de Alagoas e S. Pedro do Sul, e outras omissões imperdoaveis!

Não obstante esses senões, a primeira exposição marca uma éra nos annaes scientificos, industriaes e artisticos do joven imperio americano. A repetir-se tão proveitoso mister, os resultados que se hão de obter serão excessivamente proficuos!

Repetimos: uma segunda exposição de productos exclusivamente nacionaes, tornar-se-ha subidamente vantajosa, se se derem as instruções preventivas que cohibam os erros e faltas oriundos da primeira exposição!

§

Todos os esforços que se evidem em prol da cultivação e patenteação das luces intellectuaes, não podem deixar de mercer os nossos sinceros louvores; e com quanto reconheçamos a necessidade de sermos animados na nossa peregrinação litteraria, não nos julgamos impossibilitados de animar aquelles que, mais intelligentes do que nós, igualmente carecem dessas manifestações quando sinceras.

Firmes nessas crenças, desejamos do imo d' alma que a empreza litteraria que projectam estabelecer duas bellas intelligencias portuenses que entre nós rezidem, em breve se divise nos arrajaes das bellas letras, e desde já desejamos que:

« Seja-lhe benigno o favor publico. »

§

No theatro de S. Pedro houve na quinzena um reflexo de luz. Representou se n'esse theatro no dia 26 o drama sacro em 3 actos e 5 quadros, intitulado. *Os Martires da Germania ou a edificação do Christianismo*, composição do exímio autor do *Sansão*, etc., e ornado de coros, tra-moias e dansas, com vistas novas, vestuário e apparato requeridos.

Assistimos á 4<sup>a</sup> representação, e confessamos não ter perdido o nosso tempo. Os *Martires da Germania*, é uma produçao que em si contém os elementos das

variadas especies das produções theatraes! E' lyrico e ao mesmo tempo energico, moderno e antigo, sentimental e tragico, mimico e comico! E' um aborto, esse presa-do filho do Sr. Romano!

O desempenho foi optimo, se o compararmos ao das diversas e *novissimas* peças que ahi se têm ultimamente representado. A Sra. D. Ludovina, não obstante não lhe ser, em parte, apropriado o papel de que se incumbiu, dem instruiu mais uma vez os valiosos recursos artisticos de que dispõe. No 2<sup>o</sup> acto foi mui justamente applaudida.

As novas scenas, excepção da da sala de *Afra*, não deixam de atestar serem divididas aohabil scenographo o Sr. João Caetano Ribeiro. A do exterior das ruinas de Proserpina, merece a primazia no nosso profano entender. A do final do 1<sup>o</sup> acto que representa o *antro do inferno*, angariou aplausos entusiasticos da parte da grande maioria dos frequentadores do theatro normal. O distinto scenographo foi no fim do drama chamado ao proscenio e vitoriado.

Não tratamos na concepção dramatica, nem tão pouco nos abalancamos a anali ar minuciosamente o desempenho; contentamo-nos em convidar o publico a assistir as repetições *d'esse drama regenerador*, e a tomar conhecimento das seguintes *tramoidas* que a empreza promette nos seus annuncios:

— As poesias recitadas per *Lucifer*, que em todo o drama não diz uma palavra em prosa.

— O temer *Lucifer* da cruz que se divisa em todo o 1<sup>o</sup> acto, tão somente quando ella é revestida da cér mistica.

— O ficarem os christãos no inferno quando finalisa esse acto.

— As phrases da africana *Afra*, no 2<sup>o</sup> acto, quando, sentindo-se apaixonada por *Gabriel* ( a quem nunca vira, mas de quem conhece a voz e as feições) patentea a posição em que se acha de *corteza corrupta, rica e poderosa, porém que vende o corpo a quem lhe dá ouro!*

— As ordens dadas em casa e na pre-sença de *Afra* a *Isaac* seu escravo; ordens promptamente cumpridas, não obstante searem em contrario ás que ella acabava de dar.

— O anjo symbolo da Fé, com o calix

*na mão esquerda, a hostia na direita e a cruz ao lado !!!* (Tributo à religião católica.)

— O altar erguido junto ás catacumbas de Proserpina,

— O baptismo de Afra, pelo octogenário Ozorio.

— Os cantos religiosos que os christãos entoam por esse facto.

— Os conselhos do czar do Occidente para que Afra abjure a religião do crucificado e torne a ser pagã !!! (Com razão quebrou o autor das *Azas de Um anjo* os bicos da sua pena.)

— E os córulos tão bem ensaiados.

— E o vestuário primoroso dos christãos e dos pagãos !

— E.... o mais que só os leitores vendo poderão apreciar.

O drama foi ensaiado pelo Sr. João Caetano dos Santos, que também foi chamado á cena e aplaudido !

A' Sra. Marquelou, coube a missão de apresentar ao publico o *calix e a hostia consagrada*.

Mais que nunca nos capacitamos da necessidade dos theatros subvencionados !

### §

O anjo exterminador pairou recentemente sobre a monarchia lusitana. Em poucos dias o rei D. Pedro V e seu irmão D. Fernando, deixaram a existencia para serem envolvidos nos crepes mortuários e depois depositados no leito eterno; e, ainda se não achavam extintos os indícios de sentido pranto, quando o vapor *Guyenne*, conduziu ao nosso porto a infesta nova do perecimento do infante D. João, Duque de Beja !

A população lisbonense, ao ser sabedora deste ultimo infortunio, apoderou-se da crença de que agentes traidores, de intensões extranhas e infamantes, maquinavam contra o apercebimento dos hereditários sucessores do trono de Afonso Henriques. No primeiro impeto, obrou por si, e, embora as medidas precisas surgissem tardia e exageradamente, ella ainda não está convencida de ser erronea a crença que adquirira pelos factos, lamentareis sem duvida, que são devidos á fatalidade que peza sobre a dyanstia de Bragança !

Não pode existir o menor viso de suspeita nos nossos sentimentos. Filhos do solo ardente da America, mas usando da lingoa que fallam os subditos da nação lusitana, expendemos as nossas considerações a respeito de tudo que ocorra, dentro e fóra do paiz, por que a nossa missão a isso nos autoriza. Nem se collija, em nossas phrases, o menor indicio de oposição aos movimentos ultimamente effectuados em Lisboa, porque reconhecemos que elles de momento não podem ser superados.

Oxalá se amerceio a Providencia dos destinos do outr' ora timido, mas ainda hoje forte, povo lusitano, e que durante longos annos impôr o actual chefe da nação portugueza, consolidando os germens beneficos e as medidas liberaes do curto, mas immortal reinado de D. Pedro V, o monarca constitucional de nossos dias.

Tantas e tão repetidas catastrophes, hão contristado o povo brasilico que sente profundamente o pezar que mais de perto opprime os descendentes dos seus progenitores.

### §

Do mundo litterario-artístico, tivemos na quinzena a *Grammatica da lingua portugueza* dos Srs. Dr. Pertence e Vergueiro, e o drama *De Ladrão a Bardo*, do Sr. Alvares de Araujo.

Recomendavel por sua natureza, quando outros predicados não tivesse, se torna aquella composição. Quando tão pobre se reconhece a instrucção primaria e secundaria do nosso povo, tudo quanto aparecer em prol desse mistér, deve ser considerado na categoria de serviços relevantes prestados ao progresso do paiz. Os autores merecem encomios. Os nossos sendo singelos, devem conter o merito de nascerem do intimo d'alma.

Da segunda composição e bem assim do seu desempenho, nada por ora podemos dizer. A continuada chuva que nos tem dado o anno novo, nos tem inhibido de comparecer no *Gymnasio*, durante as vezes que se tem representado a produçao do Sr. Alvares de Araujo.

*Felix.*